

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Portugal em Saldo Humano: Quando a Mediocridade Económica Chama Normalidade à Importação de Mão-de-Obra

Publicado em 2026-03-26 12:43:25



Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

- Em 2025, cerca de 1,13 milhões de estrangeiros estavam registados na Segurança Social em Portugal.
- Entre 2010 e 2024 registaram-se cerca de 1,4 milhões de entradas de imigrantes, das quais 1,2 milhões desde 2018.
- O discurso oficial insiste em sublinhar que “estão a trabalhar”, como se isso resolvesse sozinho todas as questões estruturais.
- Portugal continua preso a um modelo económico de baixos salários, baixa produtividade e dependência de mão-de-obra importada.
- O problema não são as pessoas que chegam: é um país sem projecto, administrado por tecnocratas sem imaginação histórica.



Mediocridade Económica Chama “Normalidade” à Importação de Mão-de- Obra

Há frases que parecem técnicas, neutras e até sensatas. Mas, por detrás da sua serenidade de gabinete, escondem por vezes a mais completa falência de imaginação nacional.

Portugal tornou-se especialista numa forma muito particular de decadência: a decadência administrada com voz calma, ar professoral e folhas de cálculo na mão. Nada melhor do que ouvir um alto responsável económico explicar, com tom de quem comenta a meteorologia, que houve um “grande afluxo de imigração” e que a maior parte são trabalhadores por conta de outrem. A frase, à primeira vista, parece apenas

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

peçoas trabalham. Trabalham. Descontam. Preenchem vagas. Suportam sectores inteiros que o país já não consegue alimentar com os seus próprios salários anémicos e com a sua persistente incapacidade de criar condições de vida decentes para os que cá nasceram. O problema está em transformar essa constatação numa absolvição moral do modelo. Como se bastasse dizer “estão a trabalhar” para que desaparecessem, por milagre burocrático, todas as questões de fundo.

É precisamente aqui que a mediocridade se revela. Não na hostilidade aos que chegam, mas na incapacidade de olhar para a escala da transformação e perguntar o essencial: que tipo de economia é esta, que precisa de importar continuamente trabalhadores para continuar a funcionar sem se reformar? Que tipo de elites são estas, que perante uma mutação demográfica e social desta dimensão só conseguem ver contribuições, vínculos laborais e alívio estatístico? Que espécie de país aceita ser gerido como plataforma de mão-de-obra em vez de se pensar como comunidade histórica com ambição própria?

A tecnocracia do remendo

Portugal tem hoje uma das mais tristes especializações do mundo europeu: a arte de remendar o fracasso estrutural

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

buracos se tornam demasiado grandes, abre ainda mais as comportas da necessidade.

Esta é a lógica do remendo. A economia não se transforma: adapta-se pela via mais barata. O Estado não planeia: gere a pressão. O discurso público não pensa: racionaliza. E assim nasce esta estranha normalidade portuguesa, em que uma dependência crescente de mão-de-obra externa é apresentada não como sintoma de falência do modelo, mas como sinal de robustez do mercado de trabalho.

É um prodígio de cinzentismo nacional. Um país inteiro a envelhecer, a exportar jovens qualificados, a pagar mal, a empurrar os seus filhos para fora e, ao mesmo tempo, a celebrar a entrada de trabalhadores como prova de vitalidade. Não há ironia mais cruel. Só mesmo uma elite tecnocrática muito instalada poderia confundir paliativo com projecto e urgência com estratégia.

Não se está a pensar a nação — está-se a gerir stock humano

Quando a questão migratória é tratada quase exclusivamente em termos de função económica imediata, o país deixa de pensar pessoas e passa a gerir fluxo. Deixa de pensar integração e passa a pensar reposição. Deixa de pensar

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

tempo.

Mas uma nação não é uma folha de Excel. Não é um armazém com entradas e saídas de força de trabalho. Não é uma combinação de rácios entre necessidades patronais, contribuições sociais e escassez de oferta interna. Uma nação séria interroga o impacto da escala, do ritmo, da concentração geográfica, da pressão sobre habitação, SNS, escolas, transportes, salários e coesão social. Uma nação séria pergunta se o seu modelo económico merece ser salvo exactamente na forma em que existe. Uma nação séria não se limita a murmurar, com satisfação cinzenta, que “estão a trabalhar”.

Essa frase, na verdade, é a confissão involuntária de um regime sem ambição. É o equivalente moral de encolher os ombros. É o tecnocrata a dizer, em voz polida: não sabemos fazer melhor, por isso vamos alimentar esta máquina como pudermos. O país não é elevado. É apenas mantido em funcionamento. Como um edifício antigo onde já ninguém ousa reconstruir as fundações e se limita a substituir canos, escorar paredes e pintar rachadelas.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

diz. Não estamos perante um observador inocente ou um técnico sem história política. Estamos perante alguém que foi Ministro da Economia e que hoje ocupa o topo do Banco de Portugal. Ou seja: uma figura da elite que governou, interpretou, legitimou e acompanhou a longa travessia portuguesa por um modelo de baixos salários, fragilidade estrutural e dependência funcional.

E eis o traço mais português de todos: os protagonistas mudam de cadeira, mas não mudam de imaginação. Passam do Governo para o banco central, da pasta ministerial para a prateleira institucional dourada, do poder executivo para a autoridade serena do comentário económico. Mas a substância mantém-se. Continuam a olhar para o país com o mesmo horizonte curto, a mesma reverência ao inevitável, a mesma incapacidade de pensar uma ruptura com o padrão medíocre que nos trouxe até aqui.

É por isso que este discurso irrita tanto. Porque não é apenas uma frase infeliz. É um espelho. Um espelho de cinquenta anos de gestão tímida, de pobreza estratégica e de dependência travestida de racionalidade. Um espelho de um país em que as elites já não sonham grandeza, apenas estabilidade operacional. Um espelho de uma cultura

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O país real, esse, sabe que a história não cabe na frase. Sabe que a habitação se tornou proibitiva. Sabe que os serviços públicos estão sob tensão. Sabe que os salários continuam indignos em demasiados sectores. Sabe que a promessa de mobilidade social está cada vez mais rota. Sabe que muitos jovens partem não por aventura cosmopolita, mas por asfixia. E sabe, sobretudo, que a importação contínua de trabalhadores não resolve o problema de fundo: apenas permite que ele continue a ser adiado.

É por isso que a linguagem tecnocrática incomoda tanto. Porque finge neutralidade quando, na verdade, normaliza um modelo profundamente desequilibrado. Fala de pessoas como variável económica, fala de entradas como ajustamento, fala de trabalho como legitimação suficiente. E nesse processo apaga quase tudo o que deveria importar: o sentido de comunidade, a capacidade de integração, a justiça salarial, a qualidade do crescimento, o destino dos que cá nasceram e a dignidade dos que chegam.

Ninguém sério ganha nada em insultar os imigrantes. Isso seria moralmente rasteiro e intelectualmente preguiçoso. O problema não são os homens e mulheres que vêm trabalhar. O problema é um país que já não sabe criar prosperidade sem recorrer sistematicamente a esta almofada

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Portugal como entreposto, não como projecto

No fundo, o que esta visão do mundo nos diz é brutalmente simples: Portugal deixou de ser pensado como nação com ambição produtiva e passou a ser gerido como território de passagem, de encaixe e de compensação. Um país para suprir faltas, preencher vazios, suportar sectores baratos, alimentar estatísticas e fazer andar o mecanismo sem lhe tocar na essência. É pouco. É triste. E, acima de tudo, é pequeno.

As grandes nações não vivem eternamente a substituir projecto por fluxo. Não trocam visão por abastecimento. Não confundem mercado de trabalho com destino histórico. Não aceitam que a sua principal criatividade política consista em justificar, com frases tecnicamente limpas, a continuação de um modelo gasto.

Portugal merecia outra coisa. Merecia uma elite capaz de perguntar porque não conseguimos pagar melhor, produzir melhor, qualificar melhor, reter melhor e viver melhor. Merecia dirigentes que pensassem a imigração dentro de um projecto nacional e não como expediente permanente de uma economia sem rasgo. Merecia, enfim, gente no poder que não confundisse gestão do inevitável com inteligência de Estado.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

mas a ausência de grandeza. Tudo está medido, quantificado, enquadrado, projectado. E, no entanto, quase nada parece pensado em altura histórica. O país vai sendo administrado por pessoas que sabem explicar curvas, mas já não sabem imaginar destinos.

Quando isso acontece, a decadência torna-se educada, institucional e até respeitável. Fala baixo. Usa números. Invoca racionalidade. E vai transformando uma transformação humana e civilizacional profunda num simples problema de encaixe funcional para uma economia cansada.

Uma elite entra verdadeiramente em falência quando deixa de sonhar uma nação próspera e se contenta em administrar, com ar sério, um armazém de mão-de-obra.

Referências

RTP — peça sobre a apresentação do Boletim Económico de Março de 2026 e as declarações de Álvaro Santos Pereira.

Banco de Portugal — Boletim Económico de Março de 2026 e comunicado oficial sobre perspectivas de

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

mão-de-obra em Portugal, flexibilização de vistos, brain drain e dificuldades estruturais do mercado de trabalho português.

Financial Times — análise sobre a crise demográfica portuguesa, emigração jovem, baixos salários e fragilidade estrutural do modelo económico.

Francisco Gonçalves

Para o **Fragmentos do Caos**

Com coautoria editorial de **Augustus Veritas**

**Leia o Manifesto por um Portugal Livre,
Competente e Criador**



GitHub Pages



CodeBerg Pages



Fragmentos do Caos:

[Blogue](#)

• [Ebooks](#)

• [Carrossel](#)



Esta página foi visitada ... vezes.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.